

É BOM PRATICAR A GENEROSIDADE:

Um exemplo de seu emprego no
processo criativo do professor



SILVIO VIEIRA DE MIRANDA

RITA MELISSA LEPRE

Faculdade de Ciências
UNESP/Bauru-SP

É BOM PRATICAR A GENEROSIDADE:

Um exemplo de seu emprego no
processo criativo do professor

SILVIO VIEIRA DE MIRANDA

RITA MELISSA LEPRE

É BOM PRATICAR A GENEROSIDADE:

Um exemplo de seu emprego no
processo criativo do professor

Faculdade de Ciências

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Programa de Mestrado Profissional

Docência para a Educação Básica

Bauru

2018

Copyright © 2018, Silvio Vieira de Miranda

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2018.

Realização

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de Ciências

Programa de Mestrado: Docência para Educação Básica

Orientação

Profª Drª Rita Melissa Lepre

Poemas e histórias

Silvio Vieira de Miranda

Desenhos de lousa

Silvio Vieira de Miranda

Revisão

Ana Vieira Pereira

Capa, projeto gráfico e diagramação

Gabriela Guenther | Estúdio Sambaqui

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

370.71

Miranda, Silvio Vieira de.

M344a

É bom praticar a generosidade: um exemplo de seu emprego no processo criativo do professor / Silvio Vieira de Miranda Martins e Rita Melissa Lepre. – 01. ed. – Santo André : Hawaii Gráfica, 2018
127 p.

Inclui bibliografia

1. A generosidade na docência. 2. Histórias para alfabetização.
3. Música e sociedade. I. Lepre, Rita Melissa. II. Título.

SUMÁRIO

A Generosidade na Autoeducação e no Processo Criativo do Professor	7
A Generosidade na Docência	13
A Generosidade me fez professor da Escola Aitiara	25
História com Imagens para Alfabetização do Primeiro Ano de 2016	31
História para Apresentar os Números	83
Sinais das Operações	98
Tabuadas	103
Poemas	109
Considerações Finais	121

A GENEROSIDADE NA AUTOEDUCAÇÃO E NO PROCESSO CRIATIVO DO PROFESSOR

QUANDO JOVEM, aos meus olhos quase infantis, via no magistério algo parecido a um sacerdócio. Observava, na dedicação do professor, nenhuma diferença em relação à do padre ou pastor, entre o conhecimento e o sagrado, o respeito a Deus e ao professor. Também encontrava semelhança entre o professor e os médicos. Ambos cuidavam de pessoas. Mais conhecimento, melhor saúde. Mais médicos, menos doenças.

Tornei-me professor. Trabalhei tanto quanto um religioso, mas nunca ganhei como um médico. Mesmo assim, nunca teria escolhido outra profissão. Poucos têm a oportunidade de aprender tanto. Conviver com crianças é não ter um dia igual ao outro, é sempre se deparar com uma novidade. É estar o tempo todo pleno de vida, e por vida, nesse caso, entenda-se alegrias e desafios.

Ao iniciar a minha caminhada no magistério, constatei ser tarefa mais grandiosa ainda do que o imaginado. O meu primeiro desafio foi reconhecer não estar pronto para as exigências da profissão. Mais interessante ainda foi constatar o fato por mim mesmo. Ninguém precisou me dizer. Eu falava rápido, os alunos não entendiam. Eu dizia uma palavra errada e era alvo de uma gargalhada. Se ficava bravo, não resolvia o problema. Chorar era ainda pior. Nesse momento, reconheci precisar melhorar, ou

seja, desenvolver-me. Concluí que o principal instrumento pedagógico tinha defeitos, e esse instrumento era eu. Eu poderia ter desistido e buscado uma profissão na qual brilhassem mais minhas qualidades e fossem ocultados meus defeitos. Sou agradecido, por mim mesmo, pela sábia decisão de seguir no magistério.

Quando recebemos o diploma de professor, temos a impressão de que se espera de nós respostas e não perguntas. Pedem-se soluções e não questionamentos. Olhar para as nossas imperfeições, se é que assim se pode dizer, é fundamental, pois reconhecer nossas fragilidades é o primeiro passo para podermos melhorar e, com isso, avançar rumo a desafios ainda maiores. A pessoa precisa ser generosa consigo mesma para iniciar essa jornada de autoconhecimento e busca de desenvolvimento. É olhar para as nossas dificuldades e buscar soluções. Nesse sentido, ser generoso é oferecer a nós mesmos possibilidades de superação. Enfrentar problemas de fala, afinação, leitura, escrita, arte, entre tantas outras fundamentais para nossa grandiosa tarefa de professor.

No meu caso, escolhi seguir o caminho da superação. Outros preferem o da resignação, o do comodismo, ou buscar desculpas na baixa remuneração, nas péssimas políticas educacionais e diversos vícios do nosso sistema de ensino. Superar a si mesmo é expor-se na busca da transformação. De um professor desafinado para um que canta em coral, e que, mesmo não tendo a voz mais bela, hoje canta afinado com seus alunos. De um professor de péssima caligrafia para um com uma escrita no mínimo muito boa. De um professor com vergonha de falar em público para um orador que não foge dessa obrigação. De um professor que mal desenhava uma árvore com troncos de dois riscos

e a copa de um círculo, para um amigo das cores e das formas, não um artista, mas alguém determinado a criar com formas e cores. De um professor de apostila pronta para alguém capaz de produzir seu material. Compartilho tudo isso não para me engrandecer. Não para me fazer melhor do que ninguém. Mas justamente para mostrar ser possível melhorar como professor. Passar de alguém com muitas dificuldades para um professor feliz em realizar o seu ofício.

Precisamos acreditar sermos capazes de mudar a educação no nosso país. O preço para tudo isso? Consciência de si mesmo. Conhecimento de nossas fraquezas. Lágrimas. Muitas dúvidas. Muitas noites sem dormir. As recompensas? É impossível enumerar os ganhos para a nossa vida pessoal e profissional. É impossível quantificar os ganhos de nossos alunos com a busca de um professor.

Chamei esse caminho de autodesenvolvimento por generosidade, por ter como único objetivo uma melhor formação para nossas crianças. Apesar da generosidade não pedir nada em troca, o caminho do autodesenvolvimento nos oferece ganhos maravilhosos. Mesmo assim, continuo a evocar a generosidade como virtude principal na caminhada consciente do professor. Ela tem como alicerce a razão, sendo a razão uma das bases do trabalho de todo professor. Outros são o amor, o humor, a humildade e a criatividade, sendo esta última desenvolvida por intermédio da arte. A arte de educar. A arte de se conhecer melhor e desta maneira conhecer o outro. No meu modo de ver, é impossível ser professor dos anos iniciais do ensino fundamental e não viver a arte em sua plenitude. Não é só o professor de arte

que deveria trabalhar de maneira artística, mas cada conteúdo precisaria estar imbuído e envolvido pela arte. Uma aula onde se canta, desenha, recita, dança e se humaniza. Todas essas qualidades são fundamentais para a nossa profissão, devendo fazer parte da nossa jornada docente. Evidentemente podemos abrir mão de olhar para as nossas fraquezas e colocarmos a culpa nos outros. Quando sei que poderia ser um melhor profissional e não me esforço para isso, pago um alto preço. É difícil reconhecer a nossa parcela de culpa num sistema corrompido. Podemos continuar colocando a culpa nas famílias desajustadas e nos políticos corruptos, mas nada disso irá realmente resolver o que é nosso. Temos o dever de dar o primeiro passo. Quem sabe num mundo de professores mais preparados frente aos enormes desafios e convictos de sua importância, teremos o nosso valor reconhecido, primeiramente por nossos alunos, e posteriormente por toda a sociedade, transformando assim a situação lastimável do nosso sistema de ensino.

Ser generoso é não ser passivo frente às mazelas da nossa educação. Ser generoso é enfrentar as nossas imperfeições e com isso dar resposta aos críticos de nossa formação. Não ficar esperando um reconhecimento que não vem. Nem profissional e nem financeiro. Adentrar o caminho do autoconhecimento significa para o professor abrir mão da segurança do conhecido e possibilitar que algo de novo aconteça. Num primeiro momento, podemos sofrer por nos depararmos com a nossa parte menos desenvolvida. É difícil para um professor deixar para trás a ideia de que já está pronto, de que já está formado, e aceitar que nunca estamos prontos e nunca estaremos formados. É viver cada dia como

uma nova oportunidade de aprendizado. De repente, o professor pode sentir-se humano, aceitar suas fraquezas sem resignação, mas com humildade; propor-se melhorar, transformar dificuldades em ferramentas de trabalho. Ser um verdadeiro exemplo do processo vivo da educação para seus alunos.

Fica o convite a todos os colegas de profissão de que adentrem no caminho do autoconhecimento. Do desenvolvimento pessoal. É preciso deixar claro o número enorme de professores bem formados e com amplos recursos pedagógicos para oferecer para os seus alunos. Professores que exercem a constante reflexão da sua atuação frente aos desafios da nossa tarefa de docência, e maior compartilhamento de suas vivências nas salas de aulas.

Quero generosamente compartilhar uma possibilidade de ação criativa, que nada mais é do que buscar soluções para o nosso cotidiano escolar. Olhar para nossos alunos e perceber o que precisam, e estar aberto a buscar novos caminhos, criando o novo em detrimento ao que nos chega pronto, e, muitas vezes, sem relação com a realidade vivida de nossas crianças. Por material pronto entendamos tudo o que nos chega “de cima para baixo”; muitas vezes reclamamos, mas poucas vezes buscamos um caminho alternativo de qualidade. Ora por preguiça, ora por comodismo, mas na maioria das vezes por acharmos que não conseguimos fazer diferente. O caminho de desenvolvimento aqui proposto abre a possibilidade de, com coragem, oferecermos aos nossos alunos algo novo, fruto de um processo criativo do professor.

Na apresentação das letras, dos números, entre outras atividades escolares, nos primeiros anos do ensino fundamental,

criei os meus desenhos, as minhas histórias e os meus poemas, sempre levando em conta os meus alunos e o contexto onde vivemos. A intenção não é oferecer um modelo, mas mostrar que todos podemos criar um pouco mais para vivificar o processo ensino-aprendizagem. Desejo nada mais que uma inspiração para aguçar a criatividade que todos possuímos.

A GENEROSIDADE NA DOCÊNCIA

Rita Melissa LEPRE¹

O que é virtude moral? Virtude é aquilo que oferece valor ao humano, é uma disposição para fazer o bem, e é moral quando se inscreve no campo das relações sociais, da interação com o outro. Segundo Comte-Sponville (1999),

Toda virtude é, pois, histórica, como toda a humanidade, e ambas, no homem virtuoso, sempre coincidem: a virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade (no sentido normativo da palavra). Humano, nunca humano demais... A virtude é uma maneira de ser, explicava Aristóteles, mas adquirida e duradoura, é o que somos (logo o que podemos fazer), porque assim nos tornamos. Mas como, sem os outros homens? A virtude ocorre, assim, no cruzamento da hominização (como fato biológico) e da humanização (como exigência cultural); é nossa maneira de ser e de agir humanamente, isto é (já que a humanidade, nesse sentido, é um valor), nossa capacidade de agir bem. “Não há nada mais belo e mais legítimo do que o homem agir bem e devidamente”, dizia Montaigne. É a própria virtude. (p. 03)

¹ Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação, Livre-Docente em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

A generosidade é uma virtude! A virtude do doar-se, do oferecer ao outro aquilo que lhe falta. É o exercício do altruísmo, de oferecer sem esperar que seja recíproco. Nesse sentido, se diferencia da justiça, considerada a virtude das virtudes, pois na justiça é necessário haver reciprocidade, troca e racionalidade, enquanto que na generosidade basta o doar ao outro.

No âmbito da Psicologia Moral, inaugurada, sobretudo, com os estudos piagetianos sobre o juízo moral na criança (PIAGET, 1932/1994), a ética da justiça (concepção deontológica) ocupa lugar de destaque. Nesse sentido, é possível afirmar que os estudos sobre outras virtudes (generosidade, humildade, coragem fidelidade, entre outras) pouco inspiraram inicialmente as pesquisas psicológicas.

No entanto, atualmente nas pesquisas e reflexões gerais sobre ética e moral, a visão deontológica nem sempre é a única a aparecer. Entre as possibilidades de se pensar as teorias éticas-morais focaremos as diferenças e possíveis semelhanças entre a ética do dever (kantiana) e a ética das virtudes (aristotélica), ou seja, a ética deontológica e a ética teleológica e suas contribuições para a Psicologia Moral.

A ética do dever é a ética deontológica e é guiada, sobretudo, pela boa vontade ou boa intenção baseada em princípios universais, considerando a autonomia da vontade face às inclinações naturais. Neste sentido, a forma é mais importante que o conteúdo.

O principal representante desta ética é o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) que defende a ideia de que agir moralmente bem não é o mesmo que agir segundo as regras de determinada sociedade, ao contrário, a moral pede um princípio universalmente válido. Aquilo que é considerado como bem

deve o ser para toda a humanidade e não, apenas, para determinadas culturas.

Kant diz que para agirmos moralmente bem, devemos obedecer a um princípio incondicional e universal que ele chamou de Imperativo Categórico e que formulou da seguinte maneira: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas querer que ela se torne lei universal.” (KANT, 1974, 223). Dessa maneira, a pessoa ao agir deve refletir para saber se sua ação seria válida para toda a humanidade, obedecendo a um princípio de reciprocidade. Se a resposta for não, tal ato não é moralmente bom já que não obedece ao Imperativo Categórico, pois segundo esse, aquilo que vale para mim, devo concordar que possa valer para todos.

Segundo Kant, existem duas grandes tendências morais: a heteronomia e a autonomia.

A heteronomia ou moral heterônoma pode ser definida como a obediência cega a determinadas leis ou regras sociais ditas morais. Ser heterônomo é ser guiado por outro (hetero=outro, nomia=regra), por leis ou regras sociais, tomando-as como absolutas e agindo por conformidade. Nesse caso, Kant afirma haver adequação social, mas não autonomia moral. Isso porque agir de determinada maneira pensando em recompensas ou aprovação social não é o mesmo que agir segundo o Imperativo Categórico.

Explica Menin (1985)

Segundo Kant, quando obedecemos às prescrições ou regras ditas morais por conformidade, interesse ou prudência (não sofrer consequências adversas), os imperativos que nos guiam são Hipotéticos e a moral aqui seguida chama-se Heterônoma. (p. 03)

Nesse caso, a ação moral parte de condicionantes como o bem estar ou o interesse próprio e fere o princípio teleológico expresso por Kant no Imperativo Categórico.

Para esse autor é somente a autonomia que pode garantir a dignidade a qualquer ser humano pois, entre outras, prega a seguinte máxima: “Age apenas de tal maneira que uses a humanidade tanto na sua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente, como fim e nunca simplesmente como meio.” (KANT, 1974, p. 229)

A autonomia, portanto, é uma forma de se relacionar com a humanidade que pressupõe descentralização, fundando-se exclusivamente na razão e no dever ao Imperativo Categórico. Enfim, o projeto da moralidade kantiano pede um exercício constante de descentralização do próprio eu e uma ação guiada por princípios universais de valor.

As ideias de Kant acerca da moralidade humana foram alvo de muitas reflexões e críticas. É sabido que muitos filósofos contemporâneos fizeram alusões à Kant, seja para reafirmar seu projeto moral, seja para criticar sua extrema racionalidade.

É fato que as ideias kantianas influenciaram fortemente a elaboração da teoria piagetiana acerca do desenvolvimento do juízo moral na criança. O sujeito presente em toda a obra de Piaget, mesmo quando trata da moral, é o sujeito epistêmico: ativo e construtor de seu próprio conhecimento. Esse sujeito não possui a liberdade aprioristicamente, nem a vontade e a razão capaz de levá-lo a agir segundo princípios internos, como o Imperativo Categórico de Kant propõe. Como afirma Freitag (1992),

O sujeito epistêmico da filosofia crítica de Kant é substituído pelo sujeito em formação e transformação permanente, à luz da experiência. Trata-se de um sujeito que pretende a liberdade, a autonomia, a justiça e a igualdade e reconhece os seus limites internos e externos, agindo adequadamente (racionalmente) nos dados contextos sociais, transformando-os, para aumentar o espaço de liberdade individual e coletiva. (FREITAG, 1992, p.14)

Segundo essa autora (1990), não obstante, as influências de Kant na teoria piagetiana são profundas.

Em *Le jugement moral chez l'enfant* (1932) Piaget e colaboradores desenvolveram uma teoria da moralidade que, no meu entender, se baseou no modelo de Kant. O cerne da teoria moral de Piaget coincide com a de Kant. Piaget não se interessa pela gênese, na criança, de conceitos como felicidade, carinho, temperança ou prudência que povoam as teorias éticas não-kantianas. Piaget centra sua atenção na “autonomia da razão”, no “respeito à norma” e na “idéia da justiça”, temas centrais da ética kantiana. (FREITAG, 1990, p.60)

Para Freitag, Piaget não só foi influenciado por Kant como introduziu inovações à teoria desse autor, no que se refere à razão prática. São três as inovações apontadas por ela, supondo que Piaget:

- 1) Redefine geneticamente o conceito de autonomia – Piaget afirma que o homem não nasce autônomo, mas constrói sua autonomia por meio de um caminho psicogenético;
- 2) Redefine dialogicamente o Imperativo Categórico – para

Kant o respeito ao Imperativo Categórico surge de um entendimento pessoal, *in foro intimo*; enquanto que para Piaget, a universalização de princípios de valor só é possível no grupo, por meio da cooperação e do respeito mútuo. Como afirma Freitag:

O procedimento da universalização da lei que deve reger a conduta de cada um e de todos é (como Habermas o postulou) monológico em Kant e dialógico em Piaget. Piaget e não Kohlberg (como acredita Habermas) é o verdadeiro predecessor de uma “Ética discursiva”, pois foi Piaget quem defendeu o caráter essencialmente social e dialógico da razão prática. (FREITAG, 1990, p.61)

3) Redefine dialeticamente a relação entre a razão teórica e a razão prática – para Kant a razão teórica está proibida de pensar a liberdade, papel esse da razão prática. Dessa maneira, esses dois conceitos se justapõem, mas não estabelecem uma relação de troca. Já, para Piaget, razão prática e razão teórica mantém uma relação dialética (de trocas). O pensamento hipotético dedutivo, adquirido no período das operações formais, permite pensar a liberdade e generalizá-la para o mundo dos homens.

Enfim, a obra de Piaget sobre a moralidade humana tem como um de seus alicerces as formulações kantianas. No entanto, é Jean Piaget quem funda a psicologia da moralidade humana, oferecendo à mesma status de ciência, com métodos e técnica próprios, pré-requisitos indispensáveis para o referido título.

A ética teleológica, por sua vez, representada inicialmente pelas reflexões aristotélicas, defende que uma ação moral deve ser medida pelas consequências, ou seja, o fim da ação é o que determina o agir. Portanto, mais importante que a forma é o

conteúdo, mais virtuoso do que a intenção é o resultado final da ação. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles defende que a felicidade é o fim ético supremo e que devemos buscá-la por meio das virtudes. Um ato virtuoso é um ato equilibrado que não peca nem por excesso, nem por falta.

Debates contemporâneos buscam sinalizar o diálogo entre as éticas deontológicas e teleológicas. No artigo de Élsio José Corá e Clóvis Brondani, intitulado “O encontro entre teleologia e deontologia: uma análise a partir da interpretação contemporânea de Paul Ricoeur”, a proposta é analisar uma possível relação entre esses dois modelos éticos.

Para estabelecer a ligação ou a mediação entre a deontologia e a teleologia, deve-se levar em consideração aquilo que Ricoeur sugere como pressuposição: assim como a ética projeta-se enquanto manifestação do universalismo, também a obrigação moral existe em relação à perspectiva da “vida boa”. (CORÁ; BRONDANI, 2010, p. 53.)

Segundo Ricoeur (1991), “essa ancoragem do momento deontológico no seu enfoque teleológico tornou manifesto pelo lugar que ocupa em Kant o conceito de boa-vontade no princípio dos Fundamentos da Metafísica dos Costumes”.(p.239).

Segundo La Taille (2000) é importante que estudemos outras virtudes morais, para além da justiça, tais como a generosidade, a fidelidade, a coragem, uma vez que esse tema não só é clássico, mas vem sendo rediscutido frente às limitações da ética moderna, baseada no conceito de direito. Do ponto de vista psicológico, La Taille (2000) defende a ideia de que as virtudes morais têm importante papel na gênese da moralidade e representam traços de caráter essenciais à construção da personalidade moral.

Mais especificamente sobre a virtude da generosidade, La Taille (2006) defende quatro hipóteses:

1) no início da gênese da moral, nem tudo é relação com autoridade, hedonismo instrumental e medo do castigo; 2) a generosidade é virtude presente no início da gênese da moralidade; 3) ela é melhor assimilada e, portanto, integrada à consciência moral do que a justiça; e 4) tal integração deve traduzir-se por uma resposta emocional superior àquela relacionada à justiça. (p.12)

Neste sentido, a generosidade é uma virtude importante ao desenvolvimento moral e, como toda virtude, pode ser ensinada e aprendida. Essa afirmação nos leva a pensar no papel da escola e, mais especificamente, do professor, na construção dessa virtude e do desenvolvimento moral das crianças. Nesse sentido, pensemos na Educação Moral como possibilidade pedagógica.

Piaget escreve o texto *Os procedimentos de Educação Moral* em 1930, ou seja, dois anos antes do *Juízo Moral na Criança* (1932), obra na qual o pesquisador apresentaria os resultados de suas investigações acerca da construção da moralidade. Nesse texto, o autor explicita sua opinião sobre a necessidade de se educar moralmente e tece considerações sobre o papel das relações sociais (interação) na construção da moralidade.

No que se refere à educação moral, Piaget afirma que tanto as relações de coação como as de cooperação são importantes e têm seus papéis definidos. Num primeiro momento, a coação se faz necessária para que a criança conheça as regras e tenha noções sobre o bem e o mal, o certo e o errado. Ninguém pode formular concepções acerca de algo que não conhece. É neces-

sário e inevitável, pois, um primeiro momento de heteronomia, de obediência à autoridade, para que, depois, o espírito de cooperação possa ser construído, por meio do respeito mútuo e da reciprocidade. O grande perigo e o que frequentemente acontece, é que essa coação estende-se por muito mais tempo que o necessário, prejudicando assim a queda do egocentrismo, o exercício da cooperação, a capacidade de reciprocidade e, conseqüentemente, a construção da autonomia moral.

Quando falamos em “coação” necessária, não estamos dizendo que as crianças devem ser submetidas aos desmandos de pais e professores, mas que precisam passar pela imposição de certas regras e normas, ainda que inicialmente não as entendam. Há regras e normas que podemos negociar com as crianças pequenas como, por exemplo, que roupa vestir em determinada situação ou que horas ir para a cama aos finais de semana. Outras, no entanto, não são negociáveis, tais como, escovar os dentes após as refeições, comer alimentos saudáveis, entre outras. A imposição de alguns limites iniciais é fundamental para a construção efetiva da moralidade. No entanto, tais limites devem aparecer atrelados a um exercício de generosidade daquele que educa.

O objetivo da educação moral, portanto, é o de auxiliar as crianças à construírem sua autonomia. Como afirma Piaget (1930)

No que se concerne ao fim da educação moral, podemos, pois, por uma legítima abstração, considerar que é o de constituir personalidades autônomas aptas à cooperação; se desejarmos, ao contrário, fazer da criança um ser submisso durante toda a sua existência à coação exterior, qualquer que seja ela, será suficiente todo o contrário do que dissemos. (PIAGET, 1930,p. 09)

Em relação aos procedimentos de educação moral, Piaget (1930) diz haver duas possibilidades: os procedimentos verbais e os métodos ativos.

Sobre os procedimentos verbais em educação moral afirma: “Do mesmo modo que a escola em geral há séculos pensa ser suficiente falar à criança para instruí-la e formar seu pensamento, os moralistas contam com o discurso para educar a consciência.” (PIAGET, 1930, p. 15). Para o autor, os procedimentos verbais ou as “lições de moral” são de pouca valia para a educação moral, já que, quase sempre, são impostas pelos educadores por meio da coação e do respeito unilateral. A criança por não viver ou se envolver na situação exposta não compreende o seu significado, mas finge aceitá-la pelo medo da punição ou pelo risco da perda do afeto de alguém.

Piaget diz, ainda, que as “lições de moral” podem ser válidas quando se constituem como resposta a uma questão prévia, ou seja, quando as crianças pedem explicações para determinadas situações que lhes causaram desequilíbrio. Vindo dessa maneira, o procedimento verbal pode conseguir tocar o espírito da criança, já que essa o abriu para reflexão. Entende-se, com isso, que a moralidade não pode ser imposta como decreto, mas sim construída como um contrato.

Queremos apenas ressaltar, no momento, que mantidas as justas proporções, a “lição de moral” não deve ser proscrita. Porém ela não se desenvolverá produtivamente a não ser por ocasião de uma vida social autêntica e no interior da própria classe. (PIAGET, 1930, p.20).

Segundo Piaget o método mais efetivo para a educação moral é o ativo, no qual a criança participa de experiências morais

através do ambiente proporcionado pela escola. Quanto a isso, o autor diz que a criança deve estar em contato com outras crianças e com situações nas quais possa experimentar a cooperação, a democracia, o respeito mútuo, a solidariedade, a generosidade e, assim, construir paulatinamente sua moralidade.

A educação moral, para Piaget, não constitui uma matéria especial de ensino e sim um aspecto particular da totalidade do sistema, dessa maneira, as crianças e os jovens não devem ter “aulas” de educação moral, mas vivenciar a moralidade em todos os aspectos e ambientes presentes na escola. Nesse sentido, os trabalhos em grupo (ou trabalho por equipes, como prefere Piaget) são uma atividade facilitadora para a construção da autonomia, pois as crianças, ao trabalharem juntas, podem trocar pontos de vista, discutir, ganhar em algumas ideias e perder em outras, enfim, podem exercer a democracia.

Piaget conclui seu trabalho dizendo que os procedimentos de educação moral devem levar em conta a própria criança e que, nesse sentido, os métodos ativos são superiores aos outros. Podemos dizer, então, que educar moralmente para Piaget é proporcionar à criança situações nas quais ela possa vivenciar a cooperação, a reciprocidade e o respeito mútuo e assim, construir a sua autonomia. Vivenciar a generosidade na ação educativa é, também e sem dúvidas, fator necessário ao desenvolvimento moral.

O trabalho que Silvio Vieira de Miranda nos apresenta, por meio de seus desenhos e poesias, é a concretização da generosidade na ação docente e desta virtude, como diz LaTaille (2006), como o motor do desenvolvimento moral cujo eixo é a justiça.

Façamos justiça a tão generoso e instigante trabalho!

REFERÊNCIAS:

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORÁ, E.J.; BRONDANI, C. Encontro entre teleologia e deontologia: uma análise a partir da interpretação contemporânea de Paul Ricoeur. *Ética*. N. 09, v.1, 2010.

FREITAG, B. **Itinerários de Antígona**: a questão da moralidade. Campinas, SP: Papirus, 1992.

FREITAG, B. Razão teórica e razão prática: Kant e Piaget. **Revista Ande**, 1990, n. 19.

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LA TAILLE, Y. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y. Para um estudo psicológico das virtudes morais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.26, n.2, p.109-121, jul./dez. 2000.

LA TAILLE, Y.. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19(1), 9-17, 2006.

MENIN, M. S. S. **Autonomia e Heteronomia às regras escolares**: observações e entrevistas na escola. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 1985.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1932/1994.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

A GENEROSIDADE ME FEZ PROFESSOR DA ESCOLA AITIARA

O meu caminho dentro da escola Waldorf foi marcado por encontros fundamentais para a minha vida profissional e pessoal. Na época, não sabia exatamente o significado desses encontros e o quanto seriam importantes para mim.

Quando cheguei à Escola Aitiara tinha 19 anos de idade, recém-saído do magistério. Não sabia desenhar e nunca havia pintado uma aquarela. Um dia antes do primeiro dia do planejamento, fui incumbido, pelo professor de artes, de preparar uma história, um conto de fadas, que depois pintaríamos. No dia seguinte, comecei a ler a história como se lesse uma notícia de jornal. Lá pelas tantas, o professor tirou o livro de minha mão e narrou, sem o livro, uma linda história, com palavras saídas do coração.

Pintar foi outro desafio. Cor, água, pincel. Aprendi naquele dia o significado das palavras humildade e coragem. Naquele momento, deparei-me com todas as minhas fraquezas. Poderia ter desistido e ido embora. O professor formado e pronto desapareceu e outro, mais humilde e corajoso, surgiu. Eu não conhecia o professor Blaich, quem deu a aula. Ele era simplesmente a referência de professor Waldorf de arte no Brasil. Uma forte amizade nasceu naquele dia. A palavra de ordem desse professor era coragem: coragem para enfrentar os desafios do conhecimento e o medo paralisante do desconhecido. Outra pergunta sempre presente na fala do professor Blaich era se havíamos visto o céu

daquele dia e suas belas cores. Fiz uma última visita para esse querido professor quando o câncer já havia tirado quase toda a sua vida, mas não a sua coragem; ele me disse, com voz quase inaudível, que não tinha medo da morte, porém pena por não poder colocar no mundo ideias suficientes para preencher mais uma vida. Nunca mais conheci esse tipo de generosidade, essa que vem disfarçada de exigência, mas no final só ganha quem aproveitou o momento.

No meu início de professor da Aitiara, vivi na casa de uma das fundadoras da escola. Também essa pessoa me fez professor. A minha vida escolar foi boa, mas a Língua Portuguesa era meu trauma. Quase repeti de ano, algumas vezes devido à dificuldade com a gramática e escrita. Escrevia como falava e, por ter origem “caipira”, com muito orgulho, tinha dificuldade com as normas cultas. Vim saber, na prática, ser isso um problema de difícil solução para um professor. Entra nesse momento da história a minha amiga Valéria, revisora de uma quantidade infinita de textos, boletins descritivos, entre tantas outras expressões escritas. Mais de dez anos de acompanhamento sem nunca ter cobrado nada; a generosidade era tanta, mas tanta, que nunca desisti, nunca desanimei, sem ter sido exigência dela, pois generosidade nada pede em troca. Tornei-me um escritor autônomo, capaz de escrever sem medo tudo o que solicita minhas tarefas de professor ou solicita o meu coração simplista interiorano. Com ela aprendi sobre generosidade sustentada pelo amor.

Iniciei a minha jornada de professor sem conhecer a Pedagogia Waldorf. Tinha tido acesso a alguns livros básicos e, no mais, eram conversas com alguns professores mais experientes.

Quando estava desistindo dessa tarefa árdua de ser um professor Waldorf, ainda mais sem formação, chega na minha vida a Dona Leonore, uma das primeiras professoras Waldorf no Brasil e pioneira da formação Waldorf descentralizada de São Paulo. Com ela fiz a formação Waldorf. Anos depois, ela me disse que eu tinha inspirado a ideia de um curso para professores que não exigisse o seu afastamento do trabalho. Por isso o curso chamou-se SEPAPA – Seminário de Pedagogia Antroposófica para Professores Atuantes. Depois desse, vieram dezenas de cursos descentralizados espalhados pelo Brasil. Quantas vezes ela assistiu minhas aulas e me orientou. Quantas conversas difíceis, porém produtivas. Quantos elogios e puxões de orelha. Difícil? Sim! Com resultados? Muitos. Se na minha vida como professor de classe já formei centenas de alunos, devo muito a Dona Leonore. Qual o preço cobrado? Ser perseverante. Tenho-a hoje como uma mãe, e sei que ela me tem na mais alta estima. Sua palavra de ordem foi sempre autoeducação: “Estude a Pedagogia Waldorf. Conheça seu aluno”. Sua generosidade tinha um preço, mas não é por isso que deva receber outro nome, pois o preço era acreditar na missão de que a sociedade só melhora pela educação.

O colegiado dos professores sempre foi generoso comigo, permitindo-me exercer sempre funções desafiadoras no grupo. No início da escola, a professora fundadora Eldbjorg não gostava muito de falar em público, e por isso me solicitava que o fizesse. Dessa forma, tornei-me o orador oficial da escola, papel exercido até hoje. Aquele professor com sotaque caipira, que tropeçava na norma culta, agora falava para o grande público. Quando temos apoio do nosso grupo, do nosso colegiado, enfrentamos todos os

desafios. Trabalhar dentro de um colegiado de professores com a tarefa de realizar uma gestão colegiada traz muitos desafios e aprendizagens. Conviver com opiniões diferentes das suas e nunca levar para o lado pessoal é uma tarefa possível, mas nem sempre fácil. Nesse caminho fiz muitos amigos. Alguns poucos, porém não menos importantes, ficaram pelo caminho, nas dificuldades em encontrar objetivos comuns e guardados com carinho nas boas lembranças. Um professor não se faz sozinho, aprendemos com cada um dos colegas. É ali que temos um leque de virtudes para observar. A polidez. A fidelidade. A prudência. A temperança. A coragem. A justiça. A compaixão. A misericórdia. A gratidão. A humildade. A simplicidade. A tolerância. A pureza. A doçura. A boa-fé. O humor. O amor. E a generosidade. Sou grato pelas atitudes generosas dos meus colegas.

No encontro com os pais talvez estejam os maiores desafios e as mais importantes aprendizagens. Quando você recebe uma criança, os pais entregam-lhe o seu maior tesouro. Admiro em especial os pais das minhas primeiras turmas, pois eu era jovem, não conhecia com profundidade a Pedagogia Waldorf e tinha uma formação acadêmica pouco expressiva. Foram os melhores anos da minha vida, pois a confiança sempre presente nos pais, a preocupação com o todo dos alunos e a generosidade a mim oferecida, fizeram de mim mais do que sou. Nunca consegui me tornar um professor presente no meu ideal, mas sempre o persegui. Ora de perto. Ora de longe. Porém, sempre o tive à minha frente, como uma forma de me manter atualizado e ligado a um ideal. Os tempos passaram e os desafios tornaram-se mais presentes. Hoje estamos num momento de mundo em que impera o

individualismo, e onde cada um busca mais para si e para o seu filho, deixando um pouco de lado o coletivo. Não é uma crítica, porém, constatação. É o que temos para aprender. A Pedagogia Waldorf nos ensina a trabalhar com o novo mantendo-se sempre atual. Muito eu aprendi pela generosidade recebida dos pais. Nos momentos que ela não esteve presente aprendi pela sua falta. Ambas me tornaram mais generoso.

Devo falar dos alunos da Aitiara. Aí caberia um capítulo à parte – a melhor parte. Lembro-me de cada um deles. A eles dediquei o melhor de mim. Sempre busquei dar esse melhor e, nessa busca, acabei me tornando melhor. Desculpem a falta de modéstia, mas nesse caso é a verdade. Quem pode conviver com seus alunos e não melhorar? Só os arrogantes, pedantes e azedos. Os demais aprendem com as crianças, pois reconhecem nelas o caminho. O caminho para vir a ser melhor. O caminho para o conhecimento. O caminho para a verdade. O caminho.

Tive alunos que me fizeram chorar por reconhecer a minha incompetência. Outros me fizeram crescer na busca por responder às suas indagações. A maioria me faz feliz por reconhecer neles a minha superação. O discípulo supera o mestre. Desenha melhor, toca um instrumento melhor, escreve melhor, faz cálculos melhor. Neles, o meu professor ideal atuou.

Agradeço pela generosidade do aluno pequeno. Pelos questionamentos do aluno crescido. Quero oferecer generosamente minhas desculpas para os tantos que não pude fazer o que deveria ter sido feito por falta de competência ou desconhecimento. E quero exaltar a generosidade, para terminar esse pequeno texto, fruto menos do pensar do que do coração, porque sei ter

trabalhado mais com essa força do que com aquela no cotidiano de meus alunos. Um deles disse, ao final de um oitavo ano, ser agradecido por eu ter sido uma referência para a formação de seus valores morais. De fato, na maioria das vezes o leme da minha atuação foi a virtude da generosidade, sabendo ser essa uma virtude presente no universo infantil, muito valorizada pelas crianças. É nela que reconheço o laço que nos une.



HISTÓRIA COM IMAGENS PARA ALFABETIZAÇÃO DO PRIMEIRO ANO DE 2016

NA ESCOLA WALDORF, a alfabetização acontece através de imagens que os professores criam para cada letra. Essas imagens são tiradas de histórias também criadas pelo professor da classe. As consoantes aparecem principalmente a partir das imagens retiradas de objetos pertencentes à natureza, criados pelo ser humano ou algum animal. A ordem como são apresentadas é aleatória, sempre seguindo o planejamento realizado pelo próprio professor. As vogais são apresentadas levando em consideração a sensação que sentimos ao pronunciá-las – por exemplo, a abertura para o mundo experimentada ao falarmos o A. Para ampliar a vivência da letra, o professor pode criar pequenos poemas ou trava línguas para evidenciar e treinar cada uma delas.

Era uma vez um rei muito sábio e reto. Ele vivia num belo castelo, com sua esposa e seus filhos. Um menino e uma menina. O rei tomava decisões sempre com muita sabedoria e justiça. Ele sabia que a principal tarefa de um rei era pensar no seu povo e tornar a vida de seus súditos melhor.

Quando havia uma guerra, com inimigos querendo maltratar o seu povo, o rei era o primeiro a montar em seu cavalo e, com sua espada e escudo, partia para defender o seu reino. Mas o rei da nossa história amava a paz e sempre procurava resolver tudo conversando e propondo a amizade.

Os filhos do rei gostavam de aprender tudo o que o pai e a mãe ensinavam. O filho gostava dos cavalos e de brincar com a sua espada e com o escudo. A filha amava os animais e o lindo jardim do castelo.

O rei e a rainha estavam preocupados com a educação dos filhos e das demais crianças do reino, pois havia chegado o momento dos estudos, e não havia nenhum professor para ensinar as crianças. Enquanto conversavam sobre o que deveriam fazer, a rainha sugeriu ao rei que ele fosse o professor das crianças, pois era sábio e conhecia muitos dos mistérios do mundo; além do mais o reino estava em paz e o rei teria tempo para preparar-se para as aulas. O rei sempre ouvia a rainha e respeitava suas opiniões, mas não tinha pensado nessa possibilidade. Prometeu que iria pensar a respeito e tomar uma decisão no dia seguinte.

Depois de pensar muito nas palavras da rainha, o rei adormeceu e sonhou com um professor dando aula embaixo de um jatobá. Ele contava uma bela história para as crianças. O rei foi chegando mais perto e percebeu que conhecia aquele homem. Quando chegou ainda mais perto, viu que o homem era ele. Acordou assustado e decidido. Chamou a rainha que, sonolenta,

não entendia o que estava acontecendo. O rei disse-lhe que já havia um professor para as crianças. Antes da rainha perguntar ele disse: “Eu mesmo”. A rainha segurou a mão do rei e disse que tinha muito orgulho dele.

O rei saltou da cama e começou a organizar a escola. Os próximos dias foram de muito trabalho. Ele pôs todo mundo no trabalho para que tudo ficasse pronto no dia marcado para iniciarem as aulas. Os arautos saíram anunciando que haveria uma escola para todas as crianças e que quem não viesse iria prestar contas ao rei. Ninguém sabia quem seria o professor, nem o príncipe e a princesa.

No dia marcado todos estavam lá. O rei preparou um espaço bem bonito próximo ao jardim do castelo, bem embaixo de um grande jatobá, igual ao seu sonho. Cada criança vinha de um lugar diferente, como um belo mosaico.

De repente, chega o rei. Ele se apresenta como o professor do grupo de alunos. Diz que agora eles vão aprender muito sobre o mundo dos adultos e irão conhecer os segredos das letras e dos números. As crianças olharam para o rei com a máxima admiração e o rei iniciou o trabalho com muita alegria.



LETRA A

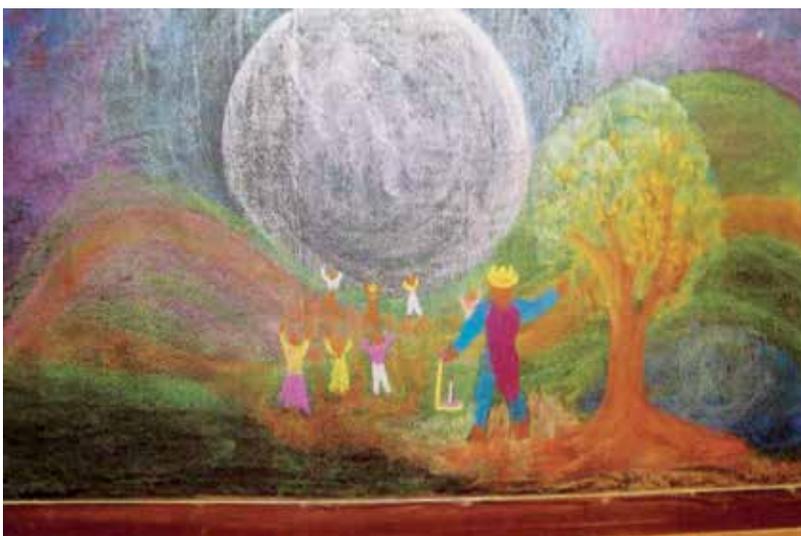
O rei falou disse às crianças que, no dia seguinte, todos teriam de chegar bem cedo para as aulas e que, por isso, deveriam ir cedo para a cama. As aulas iniciariam antes do sol nascer. No dia seguinte, todos estavam na hora combinada junto ao rei. O rei tinha uma lanterna na mão esquerda e pediu para caminharem ao seu lado. Todos ficaram bem juntinhos. Foi uma caminhada curta, porém demorada, devido à escuridão. Num determinado lugar o rei pediu para que todos se sentassem em silêncio e olhassem na direção que ele apontou para cada um. Depois, o rei também apagou a sua lanterna e a escuridão ficou ainda maior. Aos poucos aconteceu algo maravilhoso. Um clarão começou a surgir na frente de todos. Parecia que a terra estava pegando fogo. Era uma linda ALVORADA! O sol acabava de nascer bem na frente das crianças. Estávamos sentados bem próximos a um precipício, mas ninguém conseguia desviar o olhar da linda ALVORADA. Parecia um lindo anjo de braços abertos presenteando o mundo com o seu brilho. O rei convidou todos para ficarem em pé e, de braços abertos, agradecerem pelo sol. Todos retornaram preenchidos pela luz do sol e na sala aprenderam um poema que falava do sol.



*AH, ANJO DA ALVORADA
ABRA TUAS ASAS LARGAS
E FAÇA O DIA RAIAR!
ABRA O BELO CASULO
PARA A BORBOLETA VOAR!*

LETRA L

Após alguns dias, o rei marcou um outro passeio com os seus alunos. Só que agora o passeio seria durante a noite. Todos os alunos chegaram na hora marcada com os seus pais, que ficaram esperando conversando embaixo do jatobá. Para o passeio, o rei pediu a seus artesãos uma linda LANTERNA. Era grande e irradiava uma linda luz durante a caminhada. A luz da lanterna iluminava longe. De repente, o rei pediu que todos parassem e se sentassem próximos uns dos outros. Perguntou se podia apagar a lanterna e todos disseram sim. Puderam observar então o céu com suas belas estrelas a brilhar. Um pouco mais de tempo e foi a lua quem começou a surgir no céu, bem quando a escuridão começava a incomodar algumas crianças. Que linda lua! Que belo luar! Quanta luz! Uma lua imensa apareceu no céu! O rei levou as crianças de volta em pleno silêncio. Até ele parecia contagiado pela beleza da lua e pelo brilho silencioso das estrelas. A volta à escola dispensou a luz da lanterna, pois a luz do luar oferecia um retorno seguro e claro até os pais.



*A LUA NAVEGANDO
REVELA O LUAR.
VENCE AS TREVAS!
SABEDORIA E LUZ
ESPALHAM-SE PELO AR.*

LETRA U

Antes de chegarem à escola, enquanto a lua brilhava no céu, algumas crianças começaram a ouvir um som estranho, e pediram para segurar a mão do rei. Uhhh! Uhhh! Parecia uma coruja. O rei acendeu a lanterna e iluminou o local de onde saía o som. Era realmente uma coruja. Porém, havia algo estranho na árvore. O rei iluminou um pouco mais para cima e até ele levou um susto. Uma URUTU estava enrolada num galho da árvore. Era grande e pareceu não gostar da luz. Foi aos poucos se desenrolando do galho e entrando na mata. Todas as crianças conseguiram ver a URUTU. As crianças voltaram ainda mais atentas e silenciosas para a escola. Todas contaram da lua e principalmente da enorme URUTU enrolada perto da coruja.



***UHHH! UHHH! CHAMA A CORUJA
NA DENSES ESCURIDÃO.
A URUTU DESLIZA NA MATA...
MAS A LUZ ILUMINA O MEU CORAÇÃO.***

LETRA R

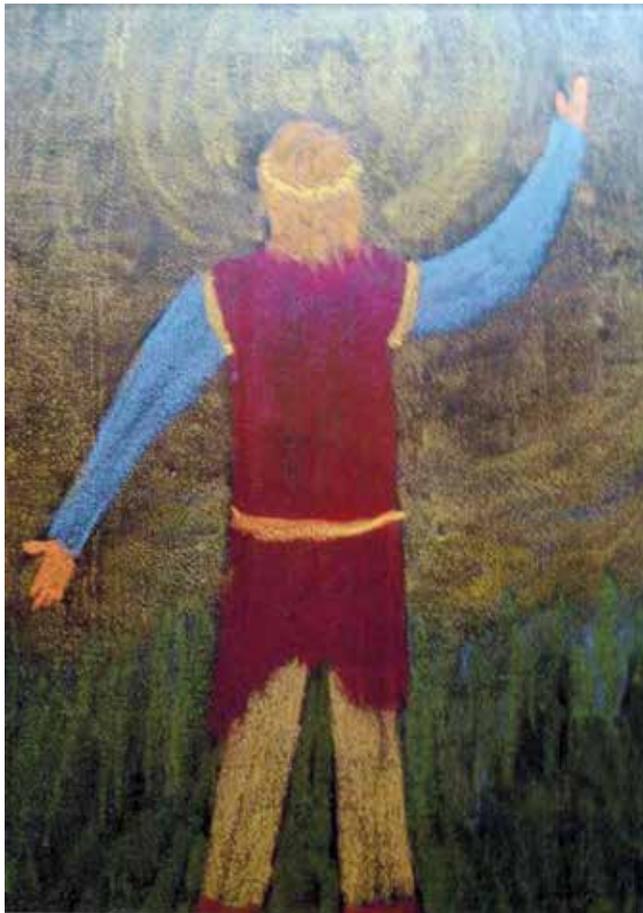
Um dia, as crianças estavam brincando e o rei observava tranquilo as brincadeiras. Elas encontraram uma roda de madeira e, num trabalho de equipe, rolaram a roda até o alto do morro. Depois soltaram-na, e ela rolou até parar quase aos pés do rei. As crianças caíram na gargalhada e até o rei quase rolou de rir. Agora as crianças não conseguiam mais parar. Era levar a roda para o alto do morro e deixar rolar para baixo. Foi uma diversão. O rei, que tudo observava, teve logo uma ideia. No dia seguinte havia um lindo desenho da brincadeira da RODA ROLANDO que ele fez para as crianças.



*O REI RETO
RI E SE DIVERTE
AO VER AS CRIANÇAS BRINCANDO
COM UMA RODA ROLANDO, ROLANDO.*

LETRA I

O rei gostava muito de caminhar e resolveu fazer um passeio sozinho. Enquanto caminhava, queria preparar uma nova letra para ensinar a os seus alunos. O sol estava a pino e o rei levantou o seu braço para proteger-se. Levantou bem alto o seu braço direito e, na mesma hora, além de impedir o brilho do sol de penetrar nos seus olhos, ele teve uma ILUMINAÇÃO! Uma IDEIA. Seu braço iluminado pelo sol parecia dar forma a uma linda letra. Que letra linda o rei desenhou no dia seguinte.



***UMA LINDA IDEIA
ILUMINA O NOSSO CORAÇÃO.
VOU TORNÁ-LA REALIDADE
COM A FORÇA DE MINHAS MÃOS.***

LETRA V

Feliz e com muitas ideias novas, o rei decidiu fazer um passeio com os seus alunos. Eles caminharam bastante e foram para o alto de uma montanha. De lá, puderam ver o vale por onde corria um importante rio do reino. Uma linda ave voou através do vale, em meio à luz do sol. Foi um voo suave, com a AVE sendo levada pelo vento. O rei e as crianças agradeceram à ave pela bela visão de seu voo, e o mesmo fizeram ao vento e à sua leve brisa.



*A AVE VOA
LEVADA PELO VENTO.
ATRAVESSA O GRANDE VALE
EM SUA VE MOVIMENTO.*

LETRA E

Quando o rei e os alunos voltavam do vale, perceberam que se aproximava uma grande tempestade. O rei lembrou-se de um pequeno esconderijo entre as rochas, onde poderiam proteger-se da tempestade. Os alunos precisariam subir por uma ESTREITA ESCADA. Com medo, ninguém queria ser o primeiro. O rei subiu primeiro, e depois foram subindo, um por um. Um dos meninos não tinha coragem, mas uma das amigas lhe deu a mão e ele conseguiu subir. Ficaram todos bem juntinhos e o rei fez uma pequena fogueira para distraí-los. Assim que a chuva passou, desceram pela ESCADA ESTREITA e com cuidado chegaram ao chão. Logo em seguida, as crianças foram presenteadas com um lindo arco-íris no céu.



*PELA ESCADA ESTREITA
DEVO PASSAR.
DA TEMPESTADE VIOLENTA
QUERO ESCAPAR.
O DESCONHECIDO
ME FAZ RECUAR.
A MÃO DO AMIGO
NÃO ME DEIXA PARAR.*

LETRA J

A rainha adorava visitar os alunos e o rei. Sempre trazia algum lanchinho saboroso. Certo dia, veio visitá-los e trouxe uma linda JARRA, com um maravilhoso suco de laranja. As crianças gostaram do suco, mas o maior encantamento foi com a JARRA, enfeitada com pedras preciosas. As crianças nunca na vida tinham visto algo tão maravilhoso. Parecia que o suco ficava ainda mais saboroso naquela JARRA. A rainha trouxe também jaca, jabuticaba e manjar.



*DA BELA JARRA DO REI
VI SUCO DE LARANJA JORRAR.
AINDA TEVE, BEM SEI,
JACA, JABUTICABA E MANJAR.*

LETRA D

O rei reuniu os alunos para contar uma história de DUENDES. De como eles trabalhavam ajudando ao sapateiro. Que de pobre ficou rico com os belos sapatos feitos pelos DUENDES. De como a mulher do sapateiro fez belas roupinhas para os DUENDES e de como depois disso eles nunca mais voltaram para a sua casa. As crianças adoraram a história e pediram para fazer um desenho dos DUENDES.



*OS DUENDES DEDICADOS
TRABALHARAM SEM CESSAR.
SAPATINHOS CAPRICHADOS
CONSEGUIRAM COSTURAR.
SAPATEIRO DESCONFIADO
DECIDIU ESPIAR.
OS DUENDES DEDICADOS
OUTRO LAR FORAM PROCURAR.*

LETRA N

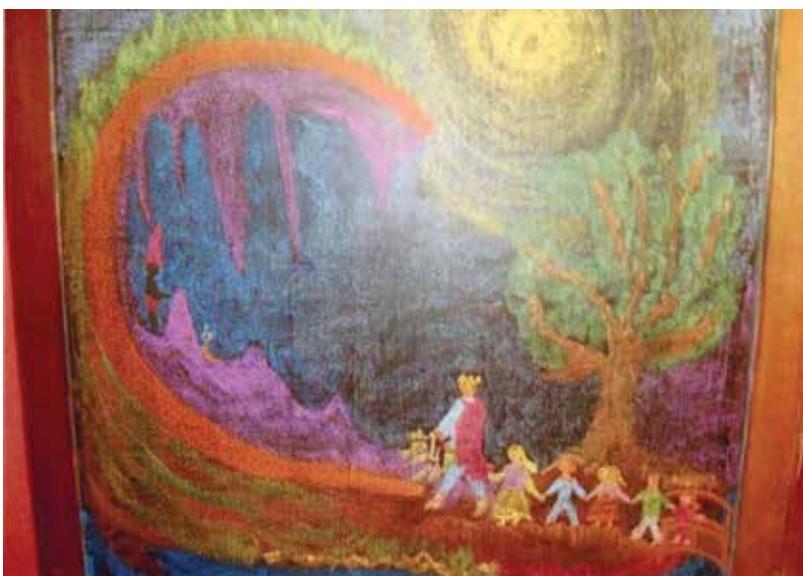
Fazia um dia muito bonito de sol, havia nuvens no céu e soprava uma leve brisa. O rei aproveitou o lindo dia para levar os alunos para passear. Foram por dentro do jardim do castelo. No jardim, os alunos deitaram-se no belo gramado e olhar para o céu, onde as NUVENS formavam lindos desenhos. Todos deviam ficar em silêncio enquanto descobriam diferentes formas. No dia seguinte, o rei fez um desenho na lousa que lembrava as formas vistas no céu.



*O VENTO PEDIU
A NUVEM EM CASAMENTO
A NUVEM SORRIU
E PARTIU NO MESMO MOMENTO.*

LETRA C

Um dos alunos do rei contou aos colegas da sala de aula que havia visitado uma caverna e que a caverna era conhecida como a caverna do saci. Os colegas deram risada e não acreditaram na história. O rei disse conhecer a caverna e que, no próximo dia, levaria todos para conhecê-la. No dia seguinte, todos chegaram cedo, preparados para a caminhada. O rei disse que o saci tinha um gorro vermelho, fumava um cachimbo e pulava em uma perna só. Quando chegaram à caverna, ninguém queria ser o primeiro a entrar. O rei entrou junto com o menino que já conhecia a caverna. Lá dentro era escuro e cheio de pedras. Ninguém viu o saci, mas o rei achou um cachimbo atrás de uma pedra e alguns alunos juraram ter visto um vulto de um menino com um gorrinho vermelho. Todos saíram juntos da caverna, e quando estavam fora escutaram um forte assobio que vinha de dentro da caverna. O rei voltou lá e deixou o cachimbo, no mesmo lugar atrás da pedra. Ninguém quis ir com o rei. Foram embora juntos felizes pela grande aventura.



*NA CAVERNA DO SACI
UM CACHIMBO ENCONTREI.
UM ASSOPIO EU OUVI
E UM GORRINHO AVISTEI.*

LETRA O

O rei organizou um acampamento. Seria um acampamento diferente, pois aconteceria durante a noite. O local era próximo à caverna do saci, numa oca abandonada. Que aventura seria! Os alunos prepararam lanches e roupas de dormir. Chegaram cedo à escola e saíram para uma longa caminhada. Precisavam chegar antes do sol nascer para preparar o local onde iriam dormir. A oca era grande. Todos dormiriam juntos, cada um no seu colchão de dormir. Até a rainha veio para ficar com eles. À noite fizeram uma grande fogueira e passearam com suas lanternas. Passearam perto da caverna do saci e alguns ficaram com muito medo. O céu estava especialmente bonito e por isso a caminhada ficou mais fácil. Na hora de dormir, todos pediram ao rei para fazer uma oração. Desejaram boa noite de mãos dadas e assim todos dormiram em paz.



*NA VASTA ESCURIDÃO
NA OCA ME ABRIGO.
ESTRELAS BRILHAM NA IMENSIDÃO.
ME SINTO FORTE E PROTEGIDO.*

LETRA T

As crianças perguntaram ao rei se ele gostava das estrelas. O rei disse às crianças que no castelo havia um lugar perfeito para observá-las. Ele convidou todas as crianças para um jantar no castelo e estendeu o convite para os pais também. Disse que, depois do jantar, eles iriam observar as estrelas. As crianças não conseguiam esconder a alegria pelo acontecimento. A noite estava linda e o céu repleto de estrelas. A mesa do jantar foi preparada com muito carinho. Havia muita comida e lindos arranjos de flores. Tinha tortas, tapiocas, torradas, taças de sucos e sorvetes. Depois do jantar o rei pediu para que todos fechassem os olhos e dessem as mãos. O rei guiou o grupo até o alto da torre do castelo. Quando todos estavam lá, o rei pediu para que abrissem os olhos e olhassem para os céus. Que maravilha! Teriam os anjos acendido pontos luminosos no céu? Algumas crianças tentaram pegar as estrelas com as mãos, de tão próximas pareciam estar. E ainda haveria um acontecimento que nem mesmo o rei poderia planejar: uma estrela cadente cruzou o céu. O rei contou às crianças que quando vemos uma estrela cadente podemos fazer um pedido para os anjos. A filha do rei falou baixinho no seu ouvido que o seu desejo era nunca esquecer os segredos das letras que estava aprendendo.



*DO ALTO DA TORRE,
TUDO POSSO AVISTAR:
FLORESTAS, VALES E MONTES.
ESTRELAS A BRILHAR.*

LETRA G

Houve um dia de aula em que aconteceu um fato estranho: todos os alunos chegaram atrasados, menos o rei e seus filhos. As crianças quiseram saber como o rei nunca perdia a hora da escola e sempre chegava no horário. O rei contou para as crianças que tinha um galo carijó que sempre cantava na mesma hora. Por isso, o rei e a rainha sempre acordavam cedo, pois o galo começava a cantar antes do sol nascer. O rei levou as crianças até o galinheiro para conhecerem o seu galo. Ele era lindo e grande, e cuidava muito bem das galinhas e dos pintinhos. Mesmo no inverno, o galo acordava antes do sol nascer e não tinha medo da geada que por vezes aparecia nas manhãs frias de inverno. As crianças chamaram o galo de “rei do galinheiro”.



*ACORDA DORMINHOCO
O GALO JÁ CANTOU.
ACORDA DORMINHOCO
UM NOVO DIA CHEGOU.*

LETRA B

O rei e a rainha adoravam flores e cuidavam de um maravilhoso jardim próximo ao castelo. Certo dia, o rei estava próximo à janela da varanda, e viu seus filhos brincando entre as flores de seu jardim. O rei ficou admirando as crianças, as flores com suas mais variadas cores e principalmente uma dezena de borboletas que mais pareciam flores voando. O rei não sabia mais quais eram as flores, as borboletas e as crianças. Por um minuto, tudo se misturou. O rei não conseguiu esquecer aquela cena e, no dia seguinte, fez um lindo desenho das flores e das borboletas para seus alunos.



*BORBOLETAS DE MIL CORES
ENFEITAM A NATUREZA.
AO BRASIL DE TANTAS FLORES
OFERECEM SUA BELEZA.*

LETRA F

No inverno, o rei convidou as crianças para fazerem uma enorme fogueira. O inverno havia chegado e as noites estavam mais longas e escuras. Todos ajudaram a preparar a fogueira. Na noite combinada, chegaram todos, acompanhados dos pais. Havia pipoca, chá quente, batata doce, pinhão e muita diversão. A parte mais especial foi o momento de acender a fogueira. Todos ficaram impressionados com as chamas que dançavam conforme o vento soprava. Juntos cantaram uma linda música em homenagem à fogueira. Foi uma linda noite e ninguém queria ir embora. O rei foi o último a sair, pois queria garantir que nenhuma faísca de fogo desse origem a um incêndio nas matas que cercavam o castelo.



*NA NOITE DE SÃO JOÃO
O FOGO AQUECE O MEU CORAÇÃO!
QUE MINHA VIDA INTEIRA
POSSA SER AQUECIDA
POR TÃO BELA FOGUEIRA!*

LETRA X

Um dia as crianças pediram ao rei que ele contasse uma história de bruxa. Ele disse que conhecia a história da bruxa Xereta. Ela tinha esse nome por só saber xingar, se queixar e xeretar a vida de todas as pessoas. O rei contou que ninguém gostava da bruxa Xereta: mais feia que a fome, tinha a cara amarela, o nariz pontudo e um queixo enorme com uma verruga bem na ponta. Além de tudo, ela adorava voar na sua vassoura e dar piruetas no ar. De repente, durante a história, deu uma ventania e as crianças gritaram: algumas juravam ter visto a bruxa dando piruetas com sua vassoura no meio das nuvens! O rei pediu para que as crianças fizessem um lindo desenho da bruxa.



*A BRUXA XERETA
COM SEU XALE VIOLETA
EM SUA VASSOURA
DÁ PIRUETAS!*

LETRA M

O rei ficou alguns dias sem dar aula por causa de uma viagem que precisou fazer. As crianças perguntaram porque o rei tinha viajado. Ele disse que fora fazer uma reunião com outros reis. Um aluno perguntou-lhe quem era o rei mais poderoso do mundo. Com tranquilidade, o rei começou a falar de um rei muito poderoso, o mais poderoso de todos. Esse rei havia nascido num estábulo e dormido numa manjedoura. As crianças quiseram saber se a criancinha não havia passado frio. O rei contou que no estábulo estavam também um boizinho e um burrinho, e que eles eram quentinhos e ficaram bem próximos da criança. Disse também que a mamãe do Menino Rei tinha um colo bem aconchegante e dava de mamar para o filhinho. Contou que a criança recebeu a visita de reis magos e que eles trouxeram belos presentes para o Menino Rei. As crianças disseram ao rei que nunca tinham ouvido uma história mais bonita.



*NA MANJEDOURA DORMIU
O REI MENINO.
CALOR ELE SENTIU
ENTRE O BEZERRO E O BURRINHO.*

LETRA P

O rei convidou as crianças para soltar pipa. Todos adoraram a ideia. As crianças foram para casa e pediram a seus pais que fizessem pipas. No dia combinado, cada um trouxe a sua e todos as soltaram no lugar reservado pelo rei. Era um espaço grande; a única árvore no local era uma linda palmeira. A filha do rei também levou sua pipa e soltou-a próximo a palmeira. Tudo ia bem, até que um vento levou a pipa da princesa para o topo da palmeira. O rei veio socorrê-la, mas, quanto mais puxava, mais ficava presa. A sorte foi ter soprado um vento bem forte que, num instante, levantou a pipa da princesa e levou-a voando para longe da palmeira. O rei riu e agradeceu ao vento.



***O TOPO DA PALMEIRA
A PIPA FOI VISITAR.
UMA BRISA LIGEIRA
FEZ A PIPA SOLTAR.***

LETRA Q

Um dia o rei levou os alunos para conhecerem o estábulo do castelo. Havia muitas vacas sendo ordenhadas. As crianças perguntaram o que era feito com o leite. O rei contou que uma parte era para beber e fazer bolos e doces, e outra era utilizada para fazer queijos. As crianças queriam saber como se fazia queijo e o rei levou-as até a queijaria do castelo. Lá, uma queijeira habilidosa mostrou aos alunos como com o leite se fazia o queijo. Depois perguntou se eles gostariam de comer um queijo. As crianças gritaram de alegria! Foram todos convidados a lavarem as mãos e a se sentarem embaixo de uma árvore, numa sombra bem fresquinha. O rei pediu para a queijeira cortar o queijo na frente das crianças. O queijo parecia uma grande roda branca. Todos puderam comer um pedaço. Foi uma delícia! Um aluno perguntou para o rei se poderia fazer um desenho do passeio e o rei disse que a ideia era ótima e que todos deveriam fazer um belo desenho.



*UM QUEIJO GOSTOSO
QUEIJEIRA QUITÉRIA PREPAROU.
UM PEDAÇO SABOROSO
O REI EXPERIMENTOU.
O RESTO DO QUEIJO
A CRIANÇADA GANHOU.
UM PEQUENO PEDAÇO
UM RATINHO ROUBOU.*

LETRA S

Um dia o rei saiu para caminhar com os alunos. Tinham-se passado muitos dias de chuva e agora o sol brilhava no alto do céu. Todos estavam felizes e gratos pelo lindo dia. A trilha escolhida era conhecida e segura, bem perto do castelo. Na frente estava o rei e, por último, o seu ajudante do dia. Durante a ida, as crianças observaram lindos pássaros e muitas borboletas. Na volta, porém, todos tiveram um grande susto. Bem no meio da trilha, aproveitando o sol, estava uma grande serpente. Ela também parecia feliz pelo fim da chuva. O rei pediu para que todos ficassem em silêncio e se colocassem atrás do lugar onde ele estava. A serpente começou a se mover em direção a uma bela seringueira ao lado do caminho. A serpente serpenteou a seringueira e depois, com calma, entrou para dentro da mata. O rei pediu que todos continuassem a caminhada e ficou para trás, observando se a serpente não retornava para a trilha. Chegando à escola todos desenharam uma serpente, das mais variadas cores e tamanhos.



*SERPENTE VENENOSA
NA SERINGUEIRA SE ESCONDEU.
SERPENTE SILENCIOSA
NA MATA DESAPARECEU.*

LETRA Z

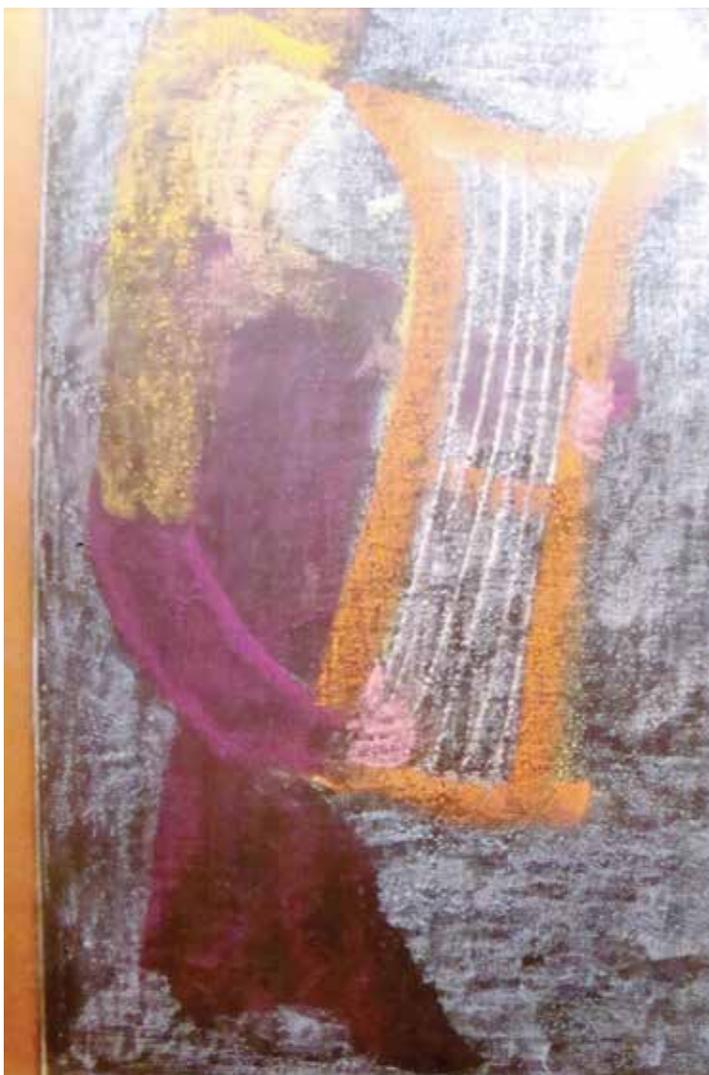
Um dia, o rei estava com as crianças cuidando de um canteiro de flores quando escuta um zumbido. Era um enorme zangão. As crianças saíram correndo de medo, mas o rei ficou parado observando o movimento que o zangão fazia, do alto até o chão. Era um zigzaguear sem fim. Ver o zangão e observar o movimento deu uma linda ideia para o rei e, no dia seguinte, havia um lindo desenho do zangão feito pelo rei.



*É COM Z
QUE ESCREVO ZANGÃO.
ZIGUEZAGUEANDO
FOI ATÉ O CHÃO.*

LETRA H

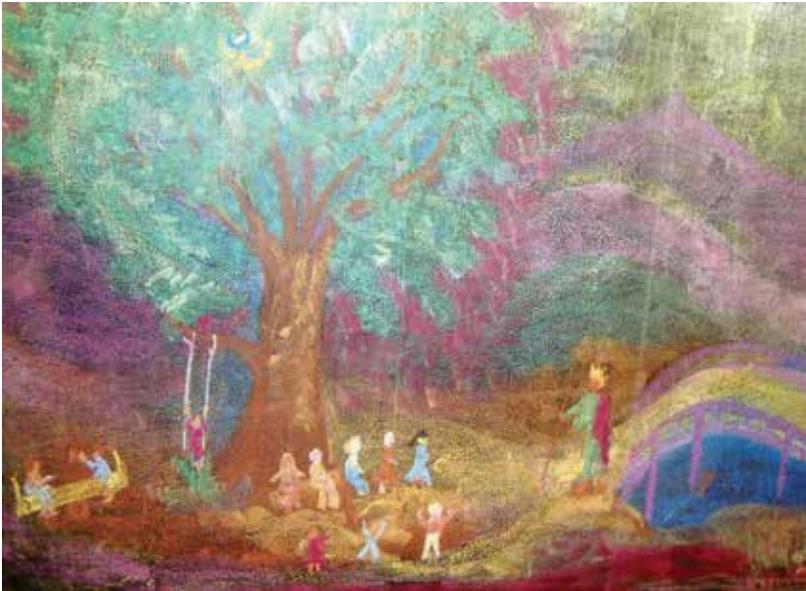
O rei estava com as crianças e teve uma linda surpresa: a rainha chegou acompanhada de sua professora de música. Trouxeram uma linda harpa e juntas tocaram belas músicas. As crianças não queriam que a aula terminasse, pois nunca haviam ouvido algo tão belo. No final da aula as crianças saíram em silêncio, para não esquecerem a suavidade das melodias que a rainha tocou. No outro dia, o rei recebeu lindos desenhos dos alunos e uma das crianças contou um sonho que teve com anjos tocando harpas para Deus no alto dos céus.



*QUE LINDA MELODIA
NA HARPA POSSO TOCAR.
UMA BELA HARMONIA
AO MUNDO QUERO OFERTAR.*

LETRAS K, W, Y

No final do ano o rei convidou três sobrinhos para a última aula, pois seria um dia de festa e muitas alegrias. O mais velho era o Kennedy, o do meio chamava-se Wilson e a mais nova Yara. Os três adoraram conhecer os alunos do rei. Perguntaram se haviam conhecido muitas letras e eles soletraram todas sem errar: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Z. E o rei aproveitou a visita dos sobrinhos e disse que agora aprenderam mais três, pois eram as iniciais dos nomes dos sobrinhos. A letra K de Kennedy, a letra W de Wilson e a letra Y de Yara. Todos se abraçaram e foi uma alegria sem fim!



HISTÓRIA PARA APRESENTAR OS NÚMEROS

A APRESENTAÇÃO DOS NÚMEROS também é realizada através de imagens criadas pelo professor, sempre relacionadas à noção de quantidade. Partimos do maior número, o 1, do qual todos os outros são resultado. A imagem é sempre retirada de uma história e deve estar relacionada à qualidade do número apresentado. Por exemplo: o número 5 e a estrela de cinco pontas. Também é possível fazer pequenos poemas ou trava línguas com o número apresentado.

Era uma vez um menino chamado Zeca. Ela morava com os seus pais e o avô numa fazenda, o avô numa casa perto da sua. Zeca vivia entre os animais, as árvores e os rios. Ele ajudava o seu pai e a sua mãe nas tarefas da fazenda. Nos sábados e domingos brincava com os seus amigos que viviam na região. Onde ele viveu não havia escola e ele aprendeu a escrever com a sua mãe. Ele adorava cuidar do galinheiro e colher ovos das galinhas. Também havia um grande pomar, onde se colhiam diversas frutas. Ele sabia contar, mas ainda tinha algumas dificuldades com os números. Ele queria saber contar melhor as quantidades de ovos, de frutas, de sabugos de milho e de tudo o que se produzia na fazenda. O Zeca perguntou para a mãe se ela podia lhe ensinar um pouco sobre os números. A mãe disse que não era tão boa com os números, e que o pai do Zeca quase não

tinha tempo livre, mas que havia alguém que poderia ajudá-lo: seu avô. Ele era um homem de bastante idade e muito inteligente. E o melhor era que o avô de Zeca não trabalhava mais por causa da idade, só fazia pequenos canteiros de horta onde cultivava um pouco de verduras e legumes. Zeca adorou a ideia e combinou com a mãe que, daquele dia em diante, faria aulas de matemática com o avô.

No dia seguinte Zeca visitou o avô e foi logo perguntando se ele poderia ensinar-lhe os segredos dos números. O avô disse que sim.

– E o avô sabe qual é o maior número que existe? – perguntou Zeca.

O avô disse que sim, Zeca quis logo saber qual era, mas o avô pediu que ele pensasse até o dia seguinte. Zeca foi embora pensativo e sonhou a noite inteira com números imensos.

Quando acordou, Zeca tomou o café da manhã e apressou-se para a casa do avô. O avô havia construído um armário com 12 portinhas, e em cada portinha tinha um número. O primeiro era o número I, pois este era o maior número do mundo. Zeca não entendeu, pois o número I parecia pequeno. O avô explicou para Zeca que tudo o que vinha depois do um era resultado de sua divisão. O II era filho do I, o III era a divisão do I em III. E assim por diante. Que incrível! Zeca agora já começava a conhecer os mistérios dos números. Depois, Zeca quis ver a construção que o avô havia feito, o armário de XII portinhas, com números desenhados em cada uma delas. O avô disse que, a cada dia, Zeca poderia abrir uma portinha. Zeca perguntou o que tinha dentro de cada uma delas e o avô disse-lhe que era o

segredo de cada número. O do I agora ele já conhecia, e por isso podia abrir a portinha do I. Foi lindo ver o que tinha dentro!

Cada dia que visitava o seu avô, Zeca conhecia os segredos dos diferentes números. Era sempre uma grata surpresa!



I

*TUDO ESTÁ DENTRO DE MIM
PEDRA, PLANTA, ANIMAL,
A LUA, O SOL E O HOMEM
COM A SUA ALMA IMORTAL.*



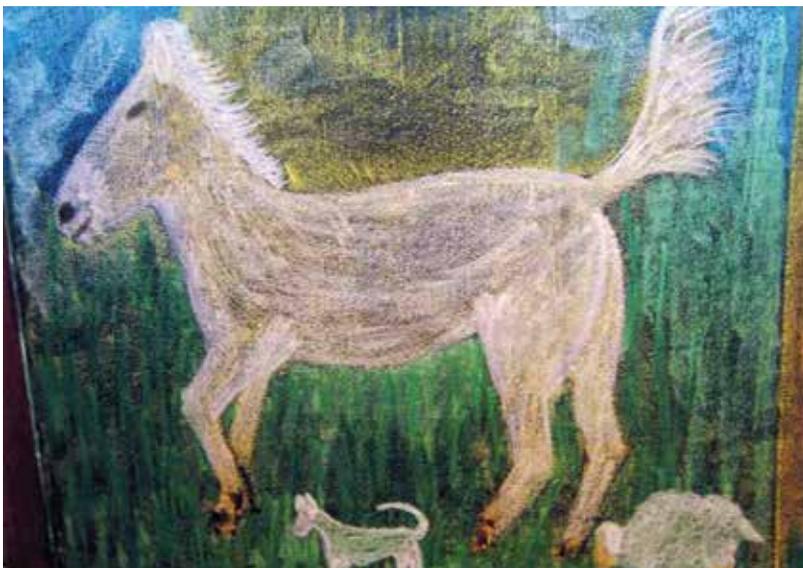
II

*EM VÁRIOS LUGARES
ENCONTRO O DOIS.
EM DUPLAS, EM PARES
NO CHIFRE DOS BOIS.*



III

*COM ALEGRIA E BRILHO
NOS ENCONTRAMOS.
PAI, MÃE E FILHO,
O TRÊS FORMAMOS.*



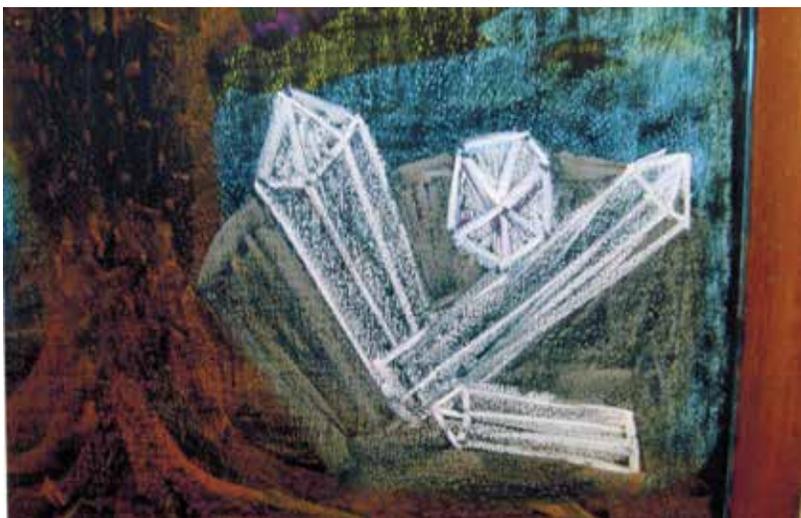
IV

*UM ANIMAL BEM FORMADO
QUATRO PATAS PÕE NO CHÃO.
ZEBRA, CAVALO E GATO
TODOS BEM FIRMES SÃO.*



V

*CINCO PONTAS BEM BRILHANTES
VEJO EM VOLTA DE MIM.
CINCO PONTAS DE UMA ESTRELA
SÃO ASSIM.*



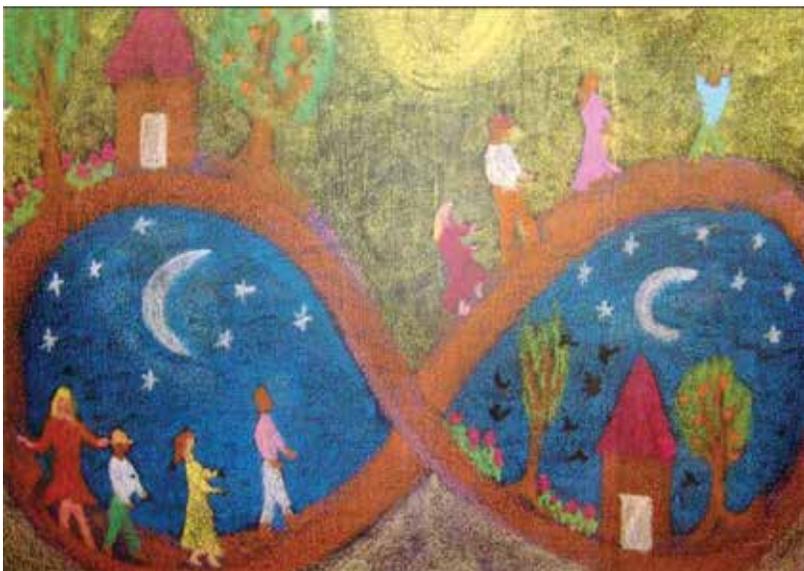
VI

*REIS DE CORAÇÃO PURO,
LÍMPIDO COMO CRISTAL,
CAMINHARAM JUNTOS
E SÃO LEMBRADOS NO NATAL.*



VII

*SETE DIAS TEM A SEMANA.
SETE CORES O ARCO-ÍRIS TEM.
É SÁBIO QUEM NÃO SE ENGANA
E CADA DIA VIVE BEM.*



VIII

*UM CAMINHO VOU PERCORRER
OITO FLORES IREI COLHER.
AO CENTRO VOU RETORNAR
QUANDO OUTRA VOLTA COMPLETAR.*



IX

*NOVE ANJOS DE LUZ
ILUMINAM O GRANDE PORTAL.
A CORAGEM ME CONDUZ.
SIGO O BEM! ENFRENTO O MAL!*



X

*DUAS MÃOS.
DEZ DEDINHOS:
A NOSSA MISSÃO
É TRABALHAR COM CARINHO.*



XI

*DUAS MÃOS.
DEZ DEDINHOS.
SE JUNTO O DEDÃO
DO MEU PEZINHO,
CONTO ENTÃO
ONZE IRMÃOZINHOS.*



XII

*DOZE MESES TEM O ANO
DE MUITO AMOR E ALEGRIA.
CADA NÚMERO EU NÃO ME ENGANO
UM MISTÉRIO ANUNCIA.*

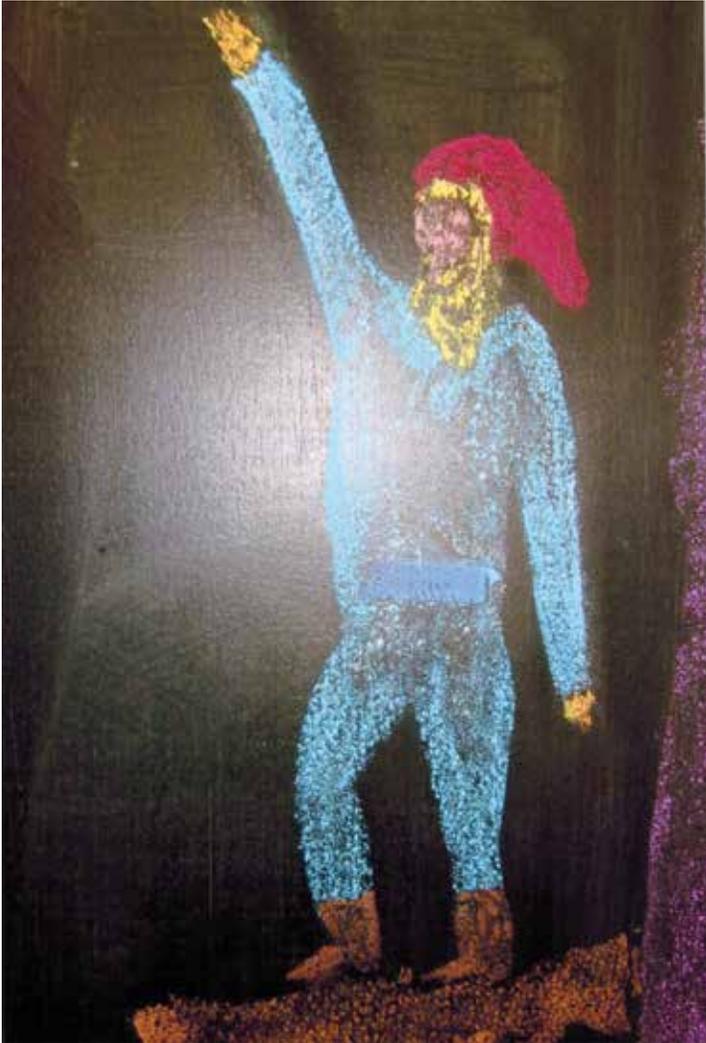
SINAIS DAS OPERAÇÕES

PARA CADA SINAL das operações matemáticas criamos uma imagem que representa cada uma das ações. Por exemplo, o anãozinho acumulador, que sempre junta tudo o que vê pela frente, ou o anãozinho doador, que adora distribuir o que possui ou encontrou.

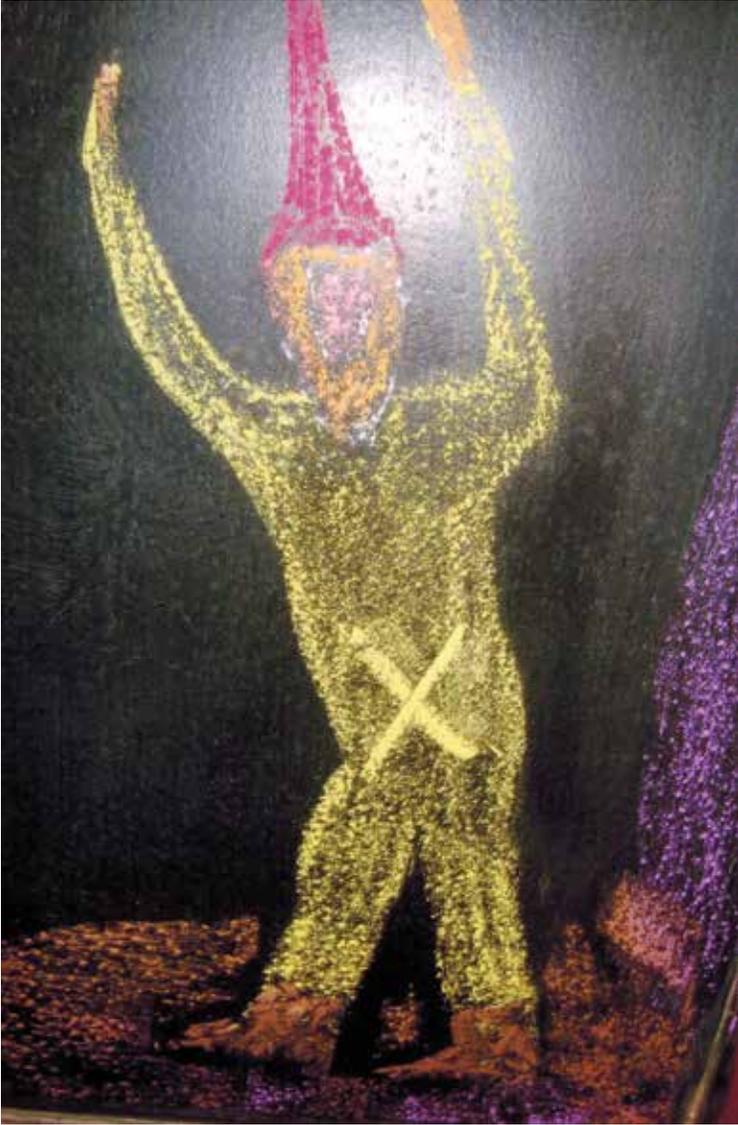
Acumulador



Doador



Multiplicador



Divisor



TABUADAS

As TABUADAS são apresentadas com imagens criadas pelo professor, tornando evidente o que significa saltar, por exemplo, de dois em dois, de três em três. No final, a sequência deve dar origem a belas formas coloridas.

Tabuada do 1

Pulo do 1



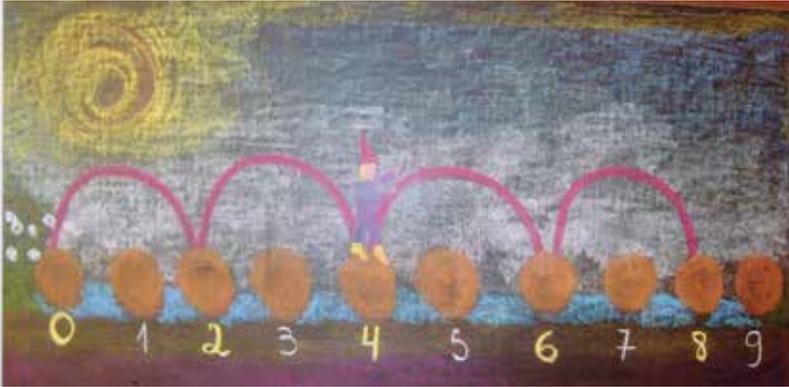
Flor do 1



Estrela do 1



Tabuada do 2
Pulo do 2



Flor do 2



Estrela do 2



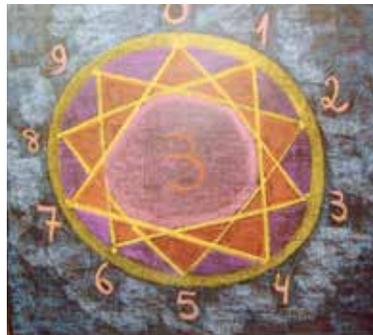
Tabuada do 3
Pulo do 3



Flor do 3



Estrela do 3



Tabuada do 4
Pulo do 4



Flor do 4



Estrela do 4



Estrela do 2 e 4



Figura 1- Primeira Figura

Fonte. O autor

POEMAS

PARA OS ALUNOS DE 7 A 10 ANOS, o fundador da Pedagogia Waldorf, Rudolf Steiner, sugeriu o poema que segue para que as crianças tenham força para o trabalhar e o aprender. O poema é dito todos os dias logo no início da aula e fala do Sol, de Deus e da força que recebemos para o trabalho, do amor e da gratidão.

POEMA DA MANHÃ PARA ALUNOS DO 1º AO 4º ANO

Com sua luz querida
O Sol clareia o dia.
E o poder do Espírito
Que brilha na minha alma
Dá força aos meus membros.
Na luz do Sol, oh Deus,
Venero a força humana
Que tu bondosamente plantaste
Na minha alma.
Para que eu possa estar
Ansioso em trabalhar.
Para que eu possa ter
Desejo de aprender.
De ti vêm luz e força.
Que para ti refluem
Amor e gratidão.

– Rudolf Steiner

NA PEDAGOGIA WALDORF valoriza-se muito o trabalho com as mãos. Antes das aulas de Trabalhos Manuais dizemos poemas que demonstram o quanto trabalhar com as mãos é algo maravilhoso, sendo que somente o ser humano é capaz de transformar o mundo com as suas mãos, seja para o bem ou para o mal. Valorizamos esse processo e buscamos criar lindos trabalhos com as crianças.

POEMAS PARA A AULA DE TRABALHOS MANUAIS

Se posso com as mãos
No mundo atuar,
Terei liberdade,
Poderei me expressar,
Sem medo ou receio
De o novo criar.



O trabalho que é feito com vontade
E é fruto do amor,
Revela um bom resultado,
Sinal do cuidado
Do bom trabalhador.



Se quero, consigo
Do mundo aprender.
No Universo há leis
Que regem o viver.
Porém, também quero
Poder atuar,
Do simples ou pouco,
Muito conquistar.

TODOS OS DIAS AGRADECEMOS ANTES de comermos o lanche. Falamos um poema escolhido ou feito pelo professor da classe. O importante é que o poema valorize o trabalho de quem produziu o alimento, à natureza, sem a qual o alimento não poderia crescer, e sobretudo a Deus Pai, que nos oferece o pão de cada dia.

POEMAS PARA O LANCHE FEITO NA ESCOLA

A Deus quero agradecer
Por esse pedaço de pão.
Com outros eu gostaria
De dividir minha refeição.
Assim, além de alimento,
Encher de amor meu coração.



Agradecemos à chuva que faz a planta crescer.
Agradecemos ao Sol que deixa a semente amadurecer.
Agradecemos ao camponês que trabalha desde o amanhecer.
Agradecemos a Deus pelo alimento que nos permite viver.



Agradecemos pelo pão,
Que é um alimento tão sagrado.
Fortifica nosso corpo,
Deixa-nos pronto para o trabalho.
E se dividimos o nosso pão
Com aquele que está precisando,
Além do corpo ficar forte,
O coração de amor vai alimentando.



Ao recebermos nosso alimento
Dos necessitados queremos lembrar.
E que nossa lembrança
Possa ao menos os confortar,
Enquanto não conseguimos,
No mundo, com a fome acabar.



Agradecer ao alimento,
Lembrar de quem não tem pão,
Fortalece nossa vontade,
Por mais amor e educação.

POEMAS DO BOLETIM

NA PEDAGOGIA WALDORF os professores do Ensino Fundamental oferecem aos alunos, junto com o boletim descritivo do final do ano, um poema. Esse poema deverá ser falado pelo aluno no próximo ano, uma vez por semana, no início do dia. O poema busca reforçar qualidades que o professor acredita serem importantes para o seu aluno. Na maioria das vezes o poema é feito pelo professor, mas também pode ser de outro autor com conteúdo que o mesmo goste e tenha a ver com a criança. Eis alguns exemplos de poemas.

PRIMEIRO ANO

Um príncipe teve que, um dia,
Uma longa viagem fazer.
A princesa, enquanto esperava,
Uma blusa pôs-se a tecer.
Com paciência ela fiava,
Vendo a blusa aparecer.
O príncipe, na sua chegada,
Um lindo presente pode receber.

SEGUNDO ANO

De um saco de sementes,
No chão caiu um grãozinho.
Ficou só na terra,
Sentiu-se desprotegido.
Viu muita chuva cair,
O vento a soprar.
Calor e frio sentiu,
Mas tudo pode enfrentar.
E sem perceber,
Vejam só, que milagre.
É uma árvore agora,
É firme e forte de verdade.

TERCEIRO ANO

Deus quis em sete dias
O mundo inteiro criar.
Poderia, se quisesse,
Num segundo terminar.
Mas vejam que beleza
Foi a sua criação:
Terra, bicho, homem e planta!
Me alegram o coração.
Deus nos deu um bom exemplo,
Que podemos aprender:
Ter capricho e paciência,
Para tudo resolver.

TEATRO

NA PEDAGOGIA WALDORF os professores do Ensino Fundamental frequentemente utilizam o teatro como recurso pedagógico.

SÃO FRANCISCO E O NATAL

Um dia, São Francisco
Estava a caminhar.
O mundo, como sempre,
Ele ia a contemplar.
Falava com os pássaros,
Com toda delicadeza.
As flores ele cheirava,
Exaltando sua beleza.
São Francisco então resolve,
À sombra de uma árvore sentar,
E nesse instante começa,
Como sempre, a meditar.
Seus olhos, então, se fecham,
E o sono vai chegando.
Num segundo, num instante,
São Francisco está sonhando.
Agora para vocês,
Este sonho vou contar.
É o sonho de um santo,
Que nasceu para amar.

Numa casa muito simples
Uma mulher ele via.
Alguém bem humilde,
Seu nome era Maria.
Um brilho muito intenso
Na casa apareceu.
Um anjo que trazia,
Uma mensagem de Deus.
“Maria você foi escolhida,
Por sua grande bondade;
Para do Salvador ser a mãe,
Esta é a pura verdade”.
Maria, num gesto nobre,
Sua missão aceitou.
E com seu marido José,
A criança esperou.
São Francisco ainda sonhando,
Um estábulo ele viu.
Numa noite estrelada,
Em que fazia muito frio.
Lá dentro estava Maria,
Com José ao seu lado.
Junto com alguns animais,
O menino era esperado.
Nasceu então a criança
No meio de tão grande simplicidade,
Irradiando desde o princípio,
Enorme felicidade.

Nesta hora, toda Terra
Pareceu acordar.
Linda música se ouvia
Eram os anjos a cantar.
Três pastores então chegaram
E o menino saudaram:
“Viva, viva, o Salvador!
Venha encher-nos com seu amor.
Grande é nossa afeição.
Maior ainda a devoção”.

Três reis também vieram,
Belos presentes trouxeram.
“Viva, viva o Salvador!
Venha encher-nos com seu amor.
Grande é nossa afeição.
Maior ainda a devoção”

Os animais em harmonia,
Falavam com alegria:
“Jesus nasceu! Jesus nasceu!”

Nesta hora, São Francisco,
Do seu sono acordou.
E do sonho que tivera,
Ele logo se lembrou.
Olhou em sua volta,
Muita vida ele via.
Borboletas multicores,
Dançando com alegria.

O santo então correndo,
Para seus irmãos foi contar,
O sonho que tivera,
Quando estava a descansar.
No Natal nós nos lembramos,
De um exemplo de amor.
Que nos foi dado um dia,
Pelo próprio Salvador.
São Francisco cumpriu,
Na Terra sua missão,
Os passos de Cristo seguiu,
Amando seus irmãos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PRESENTE LIVRO foi elaborado durante o desenvolvimento da pesquisa sobre o **papel da generosidade no desenvolvimento da moral numa escola Waldorf**. Todas as histórias, poesias e desenhos foram trabalhados por mim durante as aulas do primeiro ano de 2016 e do segundo ano de 2017, na Escola Waldorf Aitiara.

As crianças vivenciaram as histórias criadas para a introdução das letras e dos números com enorme interesse. Os poemas e os trava línguas foram ditos durante as aulas, buscando desenvolver a boa dicção dos meus alunos. A veneração e o respeito sempre estiveram presentes ao falarmos o poema do início de cada manhã e nos poemas preparatórios para as aulas de Trabalhos Manuais e para as refeições. Todos os cadernos foram feitos com capricho e harmonia entre formas e cores, sempre na busca do belo.

O ambiente em sala de aula foi prazeroso, com as crianças estudando com muita alegria, numa atmosfera de cooperação na busca do conhecimento. Aprender as letras, reconhecer palavras, contar sementes, saber o valor dos números, cantar, tocar um instrumento musical, fazer tricô, crochê, brincar. Tudo isso passa a ser natural quando o aprender é encarado como parte boa e agradável da nossa vida.

Cada lousa por mim construída, em horas de trabalho, foi fruto do amor e perseverança, com resultados por vezes abaixo do desejado, mas sempre compensados pela alegria dos alunos

ao verem o que foi feito para eles. Muita gratidão como recompensa pelo esforço despendido. Três dias depois, a mesma lousa era apagada em minutos, num desapego nem sempre fácil. Amor e generosidade pura: **são elas que nos movem para uma nova ação. O mesmo esforço foi necessário para o processo de criar as poesias e as histórias. As reações dos alunos dessa vez eram perguntas: – Foi você quem escreveu? – Você fez para nós? As perguntas sempre estavam acompanhadas de um elogio ou de um olhar de admiração.**

Tudo o que vivenciei com os meus alunos nesses dois anos reafirmou em mim a importância do processo criativo do professor, que, no meu entender, é um ato de generosidade. Abrir mão do pronto, do que nada ou pouco tem a ver com os meus alunos, com a nossa realidade. E, apesar da generosidade não pedir nada em troca, de nada esperar como recompensa, recebi de meus alunos sorrisos e olhares de satisfação que só posso desejar compartilhar com todos os meus colegas de profissão. Aprendi a ser mais humilde reconhecendo minhas fraquezas e transformando as mesmas em motivo de crescimento. Obrigado aos meus alunos de hoje e de ontem pela oportunidade de aprender.







Arquivo Aitiara



Arquivo Pessoal

PROFESSOR SILVIO VIEIRA DE MIRANDA

Geógrafo, Pedagogo, Professor Waldorf e Mestre em Educação

Professor de Classe na Aitiara Escola Waldorf

Diretor Pedagógico na Aitiara Escola Waldorf

Professor de Geografia da Secretaria Estadual de Educação



PROF.ª DR.ª RITA MELISSA LEPRE

Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação e Livre Docente em Psicologia da Educação.

Professora Adjunta do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus Bauru.

Coordenadora do GEPEDEME - Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Moral e Educação.

Orienta pesquisas de mestrado e doutorado nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, da UNESP/Assis, e no Programa de Mestrado Profissional em Docência na Educação Básica, da UNESP/Bauru.

Este livro foi composto em Minion Pro, pelo Estúdio Sambaqui
e impresso no verão de 2018 pela Hawaii Gráfica.

“O professor não precisa só de um conhecimento que lhe seja transmitido da pedagogia e da didática usual, não precisa apenas especializar-se nesta ou naquela disciplina; precisa, sobretudo, daquilo que constantemente se renova nele próprio. Precisa de uma concepção de vida permeada de alma. Precisa mesmo de uma profunda compreensão da vida”

– Rudolf Steiner

ISBN 978-85-5444-005-3



9

788554

440053